



Editorial | português

A décima terceira edição da Revista Latino-americana está emblemática. Pautamos nela o debate do problema essencial para qualquer nação cujo estado está a serviço do seu povo: o desenvolvimento. Neste momento em que a crise econômica se agrava não apenas na América Latina mas, no geral, nos países dependentes do hemisfério sul, vale a pena revisar alguns documentos e artigos cujos autores denunciavam as práticas gananciosas por parte dos países ditos desenvolvidos e nos prejuízos que causam ao crescimento e desenvolvimento econômico e social e ao bem estar dos povos desses países do capitalismo periférico e também propõem novas práticas que superem essas condições.

Vejamos, em primeiro lugar, a questão da produção de alimentos. Por ocasião da VII Conferência Regional da FAO para a América Latina no Rio de Janeiro, em 17 de novembro de 1962 muitas dessas questões foram debatidas, desde as de ordem técnica e educacional, às relacionadas com a posse e o uso da terra. A reforma agrária também foi examinada em seus múltiplos aspectos. Disse o então Presidente João Goulart em seu discurso de saudação aos participantes: "Ao situar, com lucidez e coragem, os problemas agrícolas e de alimentação da América Latina, e ao incentivar estudos e soluções que abram caminho para dismantelar velhas e superadas estruturas, a FAO estará colaborando para a criação de uma consciência nacional mais vigilante, na defesa do direito que cada povo tem de autodeterminar-se, na marcha para o seu desenvolvimento econômico e social". Segue-se uma brilhante análise do pensamento de Celso Furtado pelo professor da PUC Rubens Sawaya, Furtado foi um pensador econômico e político brasileiro, estruturalista cepalino que, quando ministro do plane-

jamento do Governo João Goulart, incluiu as Reformas de Base propostas por este governante no Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social. As Reformas de Base eram o caminho para superar o subdesenvolvimento brasileiro, tão bem analisado na obra de Furtado, particularmente em seu livro Desenvolvimento e Subdesenvolvimento. Entretanto a interrupção da implementação das Reformas de Base pelo golpe militar de 1964 no Brasil criou uma nova realidade que Furtado percebeu, a partir de meados dos anos 1960, após a enorme onda industrializante na periferia. Segundo Sawaya " Furtado passa a se questionar sobre a estratégia empreendida, Foi um sucesso em industrializar a periferia, mas não havia eliminado as relações de dependência; ao contrário, elevou-as a um novo patamar. A nova dependência configurava-se como tecnológica e, como destacava, estava ligada a componentes culturais. A estrutura industrial criada por substituição de importações, com tecnologia importada, baseava-se na produção de bens de consumo de elite, implicando uma forte concentração de renda. A industrialização da periferia teria entregado a dinâmica industrial a grupos transnacionais. Simplesmente transplantou estruturas produtivas e tecnologias modernas criadas no centro para a periferia sem gerar mecanismos de apropriação sobre essa tecnologia, sem recriar internamente a lógica central do que denomina, no livro em tela, "civilização industrial", fundada em uma relação amalgamada entre cultura, criatividade e tecnologia.

Já o lúcido discurso de Álvaro Vieira Pinto na aula magna de inauguração dos cursos do ISEB Instituto Superior de Estudos Brasileiros criado em 1956 para discutir o nacional-desenvolvimentismo e contribuir para a formulação de um projeto de nação para o

Brasil, acrescenta água à fervura e se revela profundamente atual quando afirma:

“Devemos conceber o desenvolvimento como um processo que encontra a sua definição na finalidade a que se dirige. Não se trata do conceito vago e impreciso de finalidade em geral, mas de finalidade rigorosamente fixada e lucidamente compreendida, pois, sem a clareza e a exatidão dos fins visados, o processo não se poderia constituir, e não teria sentido, então, falar propriamente em processo. Daqui se descortina a possibilidade da ideologia do desenvolvimento nacional ser não um esquema conceitual, abstrato e improdutivo, mas concepção geral (geral, não abstrata) de que decorrem linhas inteligíveis de ação prática rigorosa. Com efeito, sabendo que a natureza do processo implica referência a um fim, os homens de ação pública, os homens de governo e todos os que exercem, em forma manifesta, a intervenção promotora na evolução da comunidade, perceberão que devem, previamente a qualquer iniciativa, fixar as metas futuras permissíveis pelo estado atual”.

Mas é o artigo em que Carlos Lopes recupera o pensamento nacionalista do Marquês de Pombal, discutindo suas ideias e suas práticas no contexto da criação da nacionalidade brasileira, que revela a existência, desde a época do mercantilismo, da grande contradição entre os interesses das potências internacionais e os dos países colonizados e a espoliação destes por aqueles. Para entender melhor os conflitos da época, como o que surgiu do ataque inglês a navios franceses a França, na época era aliada de Portugal nas costas portuguesas e o da crise econômica dramática que se instalou em Portugal após o Tratado de Methuen, vale a pena ler o artigo onde Lopes transcreve a terceira carta do Marques de Pombal a William Pitt, Primeiro-Ministro da Inglaterra. Nela, Pombal retrata como o tratado foi extremamente desfavorável à economia portuguesa, pois os ingleses puderam exportar para Portugal, e sua colônia na América (Brasil), grandes quantidades de produtos têxteis de alto valor, além de outros manufaturados. A

diferença entre exportações e importações (balança comercial) foi amplamente favorável aos ingleses e paga com o ouro levado do Brasil, o que aprofundou a crise econômica portuguesa.

Para superar esta situação e romper com a dependência, Pombal estatizou o comércio internacional, a produção de vinhos e criou algumas outras estatais como a Real Fabrica de chapéus em Pombal, a de louças em Massarelos e a de tecidos na Covilhã. O conhecimento destas medidas levou Celso Furtado a nomeá-lo o “primeiro nacional desenvolvimentista” da história econômica.

Desejamos uma boa leitura e que possamos aproveitar estas lições.

Luisa Moura
Editora-Chefe



Editorial | español

La décima tercera edición de la Revista Latinoamérica está emblemática. En ella se debate un problema esencial para cualquier nación cuyo Estado esté direccionado al desarrollo de su gente.

En este momento en el que la crisis económica crece no sólo en América Latina, pero, en general, en los países dependientes de todo el Hemisferio Sur, vale la pena revisitar algunos documentos y artículos cuyos autores denuncian las prácticas de explotación de parte de los países desarrollados con respecto a las cuestiones económicas y sociales de los pueblos de estos países de capitalismo periférico y además proponen nuevas prácticas que superen estas condiciones.

Véase, en primer lugar, la cuestión de la producción de alimentos. En la **VII Conferencia Regional de FAO para América Latina realizada en el Rio de Janeiro**, el 17 de noviembre de 1962, en el que muchas de estas discusiones fueran hechas, comenzando por las de orden técnica y educacional, as las cuestiones de uso de la tierra. La reforma agraria también se examinó en sus diversos aspectos. Dijo el Presidente João Goulart en su discurso de presentación: "Al localizar, con lucidez y coraje, los problemas agrícolas y de alimentación América Latina, y al incentivar los estudios y soluciones que abran camino para deshacer las viejas y obsoletas estructuras, FAO ayuda para la creación de una conciencia nacional más atenta, en la defensa del derecho que cada pueblo posee de auto determinarse, en búsqueda de su desarrollo económico y social".

A continuación, se presenta excelente análisis del pensamiento de Celso Furtado por el profesor de la PUC, Rubens Sawaya. Para él, Furtado fue un pensador económico y político brasileiro, estructura-

lista cepalino que, en la época en que fue ministro de la Planificación del Gobierno João Goulart, incluyó los cambios de base propuestos por el presidente en el Plan Trienal de Desarrollo Económico y Social. Las Reformas de Base eran el camino para la superación del subdesarrollo brasileiro, que fueron bien analizados en la obra de Furtado, en especial, en el libro Desarrollo y subdesarrollo.

Sin embargo, la interrupción de la implementación de las Reformas de Base por el golpe militar de 1964 en Brasil hizo una nueva realidad de la que Furtado se enteró, a partir de mediados de los años 1960, luego de la enorme ola de industrialización en la periferia del mundo. Segundo Sawaya, "Furtado comenzó a preguntarse sobre la estrategia emprendida. Fue un éxito industrializar la periferia, pero no había eliminado las relaciones de dependencia; al contrario, la puso en una nueva posición. La nueva dependencia se configuraba como tecnológica y, como se señaló, tenía explicaciones en cuestiones culturales. La estructura industrial creada por la sustitución de importaciones, con tecnología importada, se basaba en la producción de bienes de consumo de la elite, generando una fuerte concentración de renta. La industrialización de la periferia entregó la dinámica industrial a grupos transnacionales. Simplemente hizo la trasposición de estructuras productivas y de tecnologías modernas hechas en el centro hacia la periferia sin generar mecanismos de apropiación sobre esta tecnología, sin recrear internamente la lógica central del que domina, en el libro "Civilización industrial", basada en una relación amalgamada entre cultura, creatividad y tecnología.

Ya el lucido discurso de Álvaro Vieira Pinto en la clase magna del ISEB - Instituto Superior de Estudios Brasileiros - creado en 1956 con el objetivo de

discutir el nacional-desarrollo y, de esta manera, contribuir para la formación de un proyecto de nación para Brasil, añadió agua al hervor e se revela profundamente actual al señalar:

“Debemos concebir el desarrollo como un proceso que encuentra a su definición en la finalidad a la que se dirige. No se trata de un concepto sin fundamento e impreciso de finalidad en general, pero de finalidad rigurosamente fija y lucidamente comprensible, pues, sin la objetividad y la exactitud de los fines diseñados, el proceso no se podría constituir, y no tendría sentido, entonces, hablar propiamente en proceso. De aquí se revela la posibilidad de la ideología del desarrollo nacional ser no sólo un esquema conceptual, abstracto e improductivo, pero una concepción general (general, no abstracta) de que salen líneas inteligibles de acción práctica rigurosa. Con efecto, conociendo que la naturaleza del proceso implica referencia con un fin, los hombres de acción pública, los hombres de gobierno y todos los que ejercen, de forma manifiesta, la intervención de promoción de la evolución de la comunidad, se enterarán de que deben, previamente a cualquier iniciativa, fijar las metas futuras permisibles por el Estado actual”.

Pero es el artículo en que Carlos Lopes recupera el pensamiento nacionalista del Marquês de Pombal, discutiendo sus ideas y sus prácticas en el contexto de la creación de la nacionalidad brasileira, que revela la existencia, desde la época del mercantilismo, de la grande contradicción entre los intereses de las potencias internacionales y los de los países colonizados y la explotación de estos por aquellos. Para mejor comprender los conflictos de la época, como el que surgió del ataque inglés a naves francesas Francia, en aquel contexto, era una amiga de Portugal. Vale la pena leer el artículo pues en él Lopes transcribe la tercera carta del Marquês de Pombal a William Pitt, Primero-Ministro de Inglaterra. En ella, Pombal hace un análisis del tratado al decir que él fue desgraciadamente desfavorable a la economía portuguesa, pues los ingleses pudieron exportar para Portugal, y su co-

lonia en América (Brasil), grandes cantidades de productos textiles de alto valor y otros manufacturados. A diferencia entre exportaciones e importaciones (balanza comercial) ampliamente favorable a los británicos, con el pago en oro llevado de Brasil, hecho que profundizó la crisis económica portuguesa.

Para trasponer esta situación y romper con la dependencia, Pombal estatizó el comercio internacional, la producción de vinos y creó algunas estatales como la Real Fábrica de sombreros en Pombal, la de loza en Massarelos e la de tejido en Covilhã. El conocimiento de estas medidas hizo que Celso Furtado lo clasificara de “primero nacional desarrollista” de la historia económica.

Deseamos una buena lectura y que aprovechemos estas lecciones.

Luisa Moura
Editora Jefe

